

ESPORTE NA GRÉCIA ANTIGA: UM BALANÇO CONCEITUAL E HISTORIOGRÁFICO

Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa*

Universidade Federal do Rio de Janeiro - LHIA/PPGHC/UFRJ

Rio de Janeiro, Brasil

fslessa@uol.com.br

Recebido em 15 de setembro de 2008

Aprovado em 17 de novembro de 2008

Resumo

A proposta do presente artigo é estudar as diversas abordagens presentes na produção historiográfica contemporânea acerca das práticas esportivas entre os gregos antigos. Discutiremos ainda a possibilidade de aplicação do conceito esporte ao contexto do mundo antigo grego.

Palavras-chave: gregos antigos; esporte; historiografia contemporânea.

Abstract:

Sport in Ancient Greece: a conceptual and historiographic balance

In this article we study the different approaches presented in contemporary historiography about sports among ancient Greeks. Also, we discuss the possibility of application of the concept "sport" in the context of the ancient Greece.

Keywords: ancient Greeks; sport; contemporary historiography.

Esporte foi tão popular e significativo quanto relevante e revelador, assim na Antigüidade como atualmente... (KYLE, 2007, p. 7).

A citação de Donald G. Kyle, professor da Universidade do Texas, extraída do seu último livro de 2007 e que usamos como epígrafe de nosso artigo nos instiga a enunciarmos algumas questões sobre a discussão conceitual em torno do termo esporte,

*. Professor Adjunto de História Antiga do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ. Membro do Laboratório de História Antiga (LHIA) / UFRJ. Apoio financeiro do CNPq e da FAPERJ.

apesar de que esta questão se constitui em uma preocupação mais marcante nos trabalhos de pesquisadores não especializados em Antigüidade do que propriamente nas nossas pesquisas. A princípio, tal colocação poderia gerar uma falsa idéia de que nós, historiadores da Antigüidade, não prezamos pela especificidade conceitual. Pelo contrário, defendemos que o esporte, assim como outros fenômenos históricos, não pode ser estudado isoladamente de seu contexto social, histórico e cultural (KYLE, 2007, p. 4). As práticas esportivas assumem contornos diferentes no tempo e no espaço. Segundo V. Vanoyeke, “a cultura do corpo, seu conteúdo e suas características se modificam ao curso da história” (VANOYEKE, 1992, pp. 13-14).

Neste artigo, buscaremos *mapear* as diversas abordagens presentes nas pesquisas acerca das práticas esportivas no mundo antigo grego. Neste intuito, o que propomos é uma revisita à produção historiográfica contemporânea no sentido de verificarmos como o objeto de estudo – esporte - tem sido trabalhado. Porém, antes de entrarmos propriamente na revisão historiográfica, julgamos necessário prosseguirmos na discussão conceitual, que se faz presente em alguns dos autores que abordam as práticas esportivas gregas.

Retornando à questão conceitual, podemos nos remeter às análises desenvolvidas por Koselleck acerca da historicidade dos conceitos e da relação existente entre palavra e seu conteúdo (KOSELLECK, 1992, pp. 134-146). O conteúdo de uma dada palavra/conceito adquire sentido quando inserido em um determinado contexto. Os gregos antigos constituíram e institucionalizaram um conteúdo que, guardadas as especificidades de contextualização, tem sido teorizado pelas sociedades contemporâneas com conceito de esporte. Talvez os gregos antigos tenham teorizado esse conteúdo por meio dos conceitos de *ágon*, *athlos* e *gymnasion*.

Vale também ressaltarmos que o conceito de esporte no mundo contemporâneo não é uno e tão pouco universal. Do século XVIII ao XXI foram produzidos conteúdos diversos para o conceito esporte.

O que vimos apresentando até o momento não pretende demonstrar a existência do termo esporte entre os gregos antigos. Estes não conheceram a palavra que, de fato, é contemporânea. Para alguns teóricos, entre eles podemos citar Pierre Bourdieu, esporte é uma construção da contemporaneidade. Kyle afirma que o termo, de qualquer forma, é vago, impreciso e inclusivo (KYLE, 2007, p. 9). Dando continuidade a sua colocação, o autor argumenta que:

Apesar de não ser um termo antigo, não podemos afirmar que não possamos aplicá-lo a um fenômeno da Antiguidade. Particularmente, o termo moderno pode abarcar uma série de conceitos gregos, como: **ágon**, **athlos**, **gymnasion**. Por exemplo, **ágon** pode se referir à competição, ao local e ao público, assim como era aplicada a competições de todo tipo, da luta à política. No latim, **certamen** tinha utilização similar, enquanto **ludere**, **ludus** e **lusus** eram aplicados aos jogos, esportes, diversão e entretenimento (KYLE, 2007, p. 9).

Outro aspecto que aparece com frequência nas pesquisas é a afirmação de que o esporte é inerente à natureza humana. Para Vanoyeke, desde os anos mais recuados, o homem manifesta uma tendência instintiva pelo jogo próximo do esporte. Fazer esporte é também lutar pela sua sobrevivência (VANOYEKE, 1992, p. 11). Kyle compartilha de opinião semelhante ao enfatizar que historiadores do esporte concordam que o esporte, de certa forma, é um fenômeno humano universal, que o agonismo (competitividade, agressividade) é fundamental para a socialização e sobrevivência humana, e que estes temas *agonísticos* estão enormemente espalhados pelos mitos e

literatura. A maior parte também concorda que no esporte transparece as significativas adaptações locais e variações através do tempo e do espaço (KYLE, 2007, p. 4).¹

Não nos sentimos à vontade para entrar na discussão de que o esporte é inerente à natureza humana ou não, porém julgamos ser fundamental enfatizarmos que as práticas esportivas possuem uma historicidade e que apesar disso, elas tanto no mundo antigo quanto no contemporâneo criam espaços de coesão social, primando simultaneamente pela ética e pela estética.

Referindo-nos especificamente aos gregos antigos, podemos destacar que eles consideravam o exercício físico como um meio de conservar a saúde ou de a reencontrar. Apaixonados pelos jogos e pelos concursos, eles inventaram os enfrentamentos competitivos do estádio para satisfazer seus gostos de luta e de rivalidade. Na época clássica, o esporte se tornou um meio para adquirir a beleza e a força (VANOYEKE, 1992, p. 15).

Pelo exposto até o momento e fazendo mais uma vez referência ao trabalho de Koselleck, o que buscamos reforçar foi que se o termo esporte era desconhecido pela Antigüidade, o mesmo não se pode afirmar para o seu conteúdo. Os gregos antigos, assim como os romanos, certamente vivenciaram o conteúdo que nós teorizamos como esporte.

Os historiadores da Antigüidade ao trabalhar com as práticas esportivas gregas se esforçam em discutir as especificidades entre dois termos que frequentemente aparecem associados ao campo da disputa atlética, a saber: *athlètes* (da raiz de *aethlos*

¹. De acordo com a escola modernista, liderada por A. Guttmann, estamos limitados a entender o esporte na Antigüidade porque a natureza do esporte moderno, influenciado pela Revolução Industrial, é fundamentalmente diferente em sua secularidade, especialização de funções, preocupação por igualdade e lealdade, racionalização, burocracia, organização e sua busca por recordes. Os críticos desta tendência defendem que os esportes antigos e modernos dividem uma natureza singular e universal como parte de uma continuidade do esporte da Antigüidade para a Modernidade (KYLE, 2007, pp. 16-17).

ou *athlos*, a guerra) e *agonistès* (deriva da palavra *agôn*, luta, disputa). O primeiro termo diz respeito “àqueles que exercem um esporte”, já o segundo, faz alusão “àqueles que participam dos concursos”. Logo, observamos que *athlètes* é um termo que possui um conteúdo mais específico.

De acordo com Vanoyeke, o atleta passa o seu tempo a treinar, para alcançar uma preparação física, um nível técnico e uma experiência que os distingue dos outros, sendo entre os gregos, a educação corporal e a prática intensiva dos exercícios físicos primordiais (VANOYEKE, 1992, pp. 12-15).

O esporte pode ser definido como uma prática que “proporciona a descarga de energia libidinal constringida por um processo civilizatório, é uma atividade substitutiva para a guerra, diverte, dá prazer, ensina obediência a regras, fortalece e disciplina o corpo, serve para construir identidades pessoais, locais ou nacionais, etc.” (RIAL, 1998, p. 242).

Ou ainda, se recorremos mais uma vez à obra de Donald Kyle, esporte é espetáculo.² Uma competição atlética intensa se torna um espetáculo, e estes espetáculos da Antiguidade incorporavam todo um conjunto de performances físicas, muitos deles mobilizando uma base competitiva com regras, árbitros e prêmios. Diferente do que podemos pensar, esporte e espetáculo não foram mutuamente exclusivos, mas compatíveis e complementares. Especialmente em níveis avançados, na Antiguidade e em tempos Modernos, esporte e espetáculo têm muito em comum (KYLE, 2007, pp. 3-5).

² Foi o mundo moderno que decidiu que as atividades fossem diferenciadas entre *esporte* e *espetáculo*, os tornando *incompatíveis*, como se as competições e os competidores se aglutinassem apenas nos cada vez maiores e mais populares jogos modernos ou Olimpíadas (KYLE, 2007, p. 3).

Neste momento podemos fazer referência à divisão em duas categorias elaborada por Zahra Newby para as atividades atléticas no mundo antigo grego, ressaltando que as fronteiras entre esses dois mundos eram flexíveis:

1ª. Competições atléticas nos festivais religiosos públicos, cujos vitoriosos eram premiados e honrados com estátuas ou poemas;

2ª. Atividades esportivas como parte do lazer / ócio³ e da educação dos cidadãos homens nos ginásios (NEWBY, 2006, p. 25).

Sendo um mosaico de elementos simbólicos, as práticas esportivas “... ajudam a traduzir o homem e o ser social que ele é, seus desejos, seus paradoxos e perplexidades, seus contextos e contradições” (MURAD, 2005, p. 76). Na visão de Norbert Elias, o esporte é uma categoria de atividade social que se desenvolveu inserida no processo de civilização, estando a sua continuidade com os Jogos olímpicos gregos justamente no processo de civilização marcado pelo autocontrole dos comportamentos no conjunto das relações sociais (GARRIGOU & LACROUX, 2001, pp. 69-70). Na *pólis* a prática esportiva é elemento de civilização, por isso, os não-gregos estão afastados dos jogos. Enquanto uma prática social e cultural, as atividades esportivas, além de manterem a unidade/identidade dos cidadãos, se constituem em uma das formas de *leitura* da estrutura social *políade*, explicitando o seu caráter *agonístico* e sua *masculinidade*, visíveis através do ideal atlético.

O esporte tem sido trabalhado como um campo de estudo relativamente autônomo, mesmo estando articulado com as questões de ordem política e econômica,

³. Referimo-nos ao conceito *skholé*. Normalmente o termo é definido como sossego, repouso, lazer, interrupção, parada ou tempo livre (BAILLY, 2000, pp. 1887-88). Aqui trabalharemos com a noção de tempo livre. Mas um tempo livre destinado a pensar e gerenciar a *pólis*, a comunidade cívica. Logo, não é um conceito que se aplica a toda a sociedade, se restringindo ao corpo cívico e dentro do próprio corpo cívico ao grupo dos *kaloí kagathoí*, os *bem-nascidos*. Distante da idéia que temos para o lazer na contemporaneidade que, nas suas variações, excede as diferenças sociais.

isto porque tem-se sempre a idéia de que as práticas esportivas têm seu próprio tempo, mecanismos próprios de funcionamento, suas próprias crises, em síntese, uma dinâmica própria. Este quadro não é específico às sociedades contemporâneas. Nas pesquisas acerca das sociedades antigas, em especial a grega que se constitui em nosso *locus* de investigação, a situação é, digamos, semelhante.

Outra questão que envolve as pesquisas acerca do esporte é o seu freqüente menosprezo no meio intelectual; sendo muitas vezes entendido como uma coisa vulgar, uma atividade direcionada exclusivamente para o lazer, envolvendo o corpo mais do que a mente, e sem valor econômico (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 17). No caso helênico, o esporte se constituiu em prática essencial para a construção das relações de cidadania, sendo uma área específica da *paideía* e um meio propiciador da coesão social. Neste sentido, podemos entender o esporte, entre os gregos, como um indicativo de modelos de sociabilidade, isto porque,

... o esporte também favorece o estudo das ações humanas em grupo, tendo em vista que o processo do jogo é exatamente este: uma configuração dinâmica de seres humanos cujas ações e experiências se interligam continuamente, representando um processo social em miniatura (GENOVEZ, 1998, pp. 10-11).

Percebemos que nas produções historiográficas sobre Antigüidade, o esporte, quando é lembrado como prática social, recebe pouca atenção. Ou é apreendido como constituindo uma história *própria* e, por isso, permanece ausente das investigações, ou é entendido como parte da *paideía* (educação/cultura) e/ou da vida religiosa dos homens antigos e, por isso, adquirindo um espaço secundário nas análises.

H.I. Marrou, no seu clássico *História da Educação na Antigüidade*, cuja primeira publicação data de 1948, trabalha o esporte como inserido no contexto de uma prática maior que é o *processo educacional* do homem grego. Dessa forma, o esporte representaria um dos aspectos da *paideía* dos gregos antigos. Além da descrição das

modalidades e dos espaços físicos para a sua prática, Marrou reserva atenção para o processo de integração social propiciado pelas atividades atléticas, pois aborda, no espaço dos ginásios, as relações pederastas.

Outra obra de referência foi a publicada em 1976 por M.I. Finley e H.W. Pleket e intitulada *The Olympic Games: The first thousand years*. Neste trabalho, os autores apresentam uma síntese bem documentada sobre os jogos olímpicos gregos, os inserindo no campo da prática religiosa e política, buscando entender a importância que o esporte teve na vida cívica, propiciando honra e prestígio social. Apresentando uma proposta semelhante a de Finley e Pleket, mas ampliando o corte cronológico e espacial de forma que permitisse que a sociedade romana fosse analisada, podemos citar as obras de H.A.Harris *Sport in Greece and Rome* e de E. Norman Gardiner *Athletics in the Ancient World*. Esta última obra, cuja primeira edição é da década de 30 do século passado, pretende oferecer uma visão de conjunto sobre a participação dos atletas nos jogos no mundo antigo grego e, em menor escala, no romano. Ao abordar as diversas modalidades esportivas, os diferentes festivais, a preparação dos atletas, o autor prioriza a documentação textual, utilizando a cultura material mais como ilustração, o que certamente era comum no momento de produção da obra.

Outras pesquisas mais atuais que propõem a construção de uma visão mais de conjunto das práticas esportivas no mundo antigo e que priorizam a articulação de naturezas diversas de documentação são as de Donald G. Kyle, Nigel B. Crowther, Z. Newby, Tony Perrottet, David Young e de Nigel Spivey. As duas primeiras publicadas em 2007, a de Newby em 2006 e as demais em 2004.

Nigel Crowther e Donald Kyle abordam em suas obras, respectivamente, *Sport in Ancient Times* e *Sport and Spectacles in the Ancient World*, as práticas esportivas na

Antigüidade Oriental e Ocidental, apesar de se deterem mais especificamente nas sociedades grega e romana. No caso específico de Kyle, a sua pesquisa propõe investigar a proeminência, variedade, distinção cultural e as funções do esporte e do espetáculo nas sociedades antigas (KYLE, 2007, p. 3). Outra característica peculiar às duas obras é o diálogo com os diversos suportes documentais e a opção por uma abordagem interdisciplinar, o que permitiu o estudo do esporte em temporalidades e espaços diferenciados do mundo antigo.⁴

A concepção de esporte com a qual Donald Kyle trabalha transita entre as duas categorias sistematizadas por Z. Newby às quais fizemos menção anteriormente.

Observemos o posicionamento de Kyle:

Gregos viam o esporte como uma parte essencial da boa educação, uma via para estabelecer o status social e a proeminência individual, um indicador de masculinidade, um terapêutico meio de canalizar a agressividade, uma preparação para os conflitos e um meio apropriado para honrar os deuses e heróis nos festivais (KYLE, 2007, p. 7).

Verificamos que as disputas esportivas gregas eram para o autor uma parte integrante do processo educacional dos cidadãos e, ao mesmo tempo, um ritual religioso que propiciava aos atletas a heroicização e o prestígio social.

Zahra Newby, em *Athletics in the Ancient World*, David Young, em *A Brief History of the Olympic Games* e N. Spivey em *The Ancient Olympics*, possuem a preocupação de articular comparações entre as práticas esportivas nas sociedades antigas, basicamente entre gregos e romanos, e também lançam mão das relações entre o mundo antigo e o contemporâneo. D. Young constrói uma análise que, por mais que

⁴ Utilizando abordagens interdisciplinares da Antropologia comparativa, política e simbólica, etnologia, sociologia, e História social e cultural, estudiosos conseguem ir além das tradicionais concentrações – Olimpíadas gregas e Coliseu romano – para debruçarem-se sobre as atividades esportivas e espetáculos dos povos antigos do Oriente próximo, sobre a Arqueologia da Idade do Bronze no Egeu, a crucial transição do Período Helenístico, os jogos locais com suas intrigantes disputas, ritos de passagem, questões de classe e gênero, a emergência dos espetáculos etruscos e romanos, os bastidores dos espetáculos, a resistência dos jogos gregos sob Roma (KYLE, 2007, pp. 4-5).

privilegie suportes documentais diferenciados, acaba por dar maior atenção à documentação literária, principalmente por focar parte de seu estudo no papel da poesia no processo de imortalidade dos atletas vencedores. As discussões acerca da participação feminina nas práticas esportivas gregas estão presentes nos dois trabalhos.

Articulando a interação entre política e religião presente nos jogos helênicos e enfatizando o seu aspecto agonístico, N. Spivey adota uma postura semelhante a de Young ao privilegiar a documentação literária em sua análise. Outro que opta por privilegiar a documentação literária é Tony Perrottet. Em *The Naked Olympics*, Perrottet enfatiza o sentido dos jogos e da vitória, além do processo de formação do atleta.

Relacionando esporte à *paideia* do cidadão tanto na Grécia quanto em Roma, Violaine Vanoyeke nos oferece uma visão de conjunto acerca das práticas atléticas a partir de uma documentação que privilegia a literatura e, em menor escala, a cultura material, representada pela análise de plantas de santuários e de palestras. Em *La Naissance des Jeux Olympiques et le Sport dans l'Antiquité*, a autora analisa o esporte na formação do cidadão ideal, nos favorecendo na construção do modelo masculino idealizado. Proposta semelhante, porém não restrita ao esporte, encontramos no artigo “Tornar-se Homem” de G. Cambiano que fora publicado em *O Homem Grego*, organizado por J-P. Vernant na década de 90 do século passado.

Mais recente e bem mais específico, pois opta por um recorte temático e espacial restrito apenas aos jogos praticados em Olímpia, o trabalho de Ulrich Sinn publicado em 1996, *Olympia: cult, sport and ancient festival*, nos oferece uma análise acerca do esporte como espaço de prática religiosa e de expressão da publicidade da vida, característica da *pólis*. Resultado de uma pesquisa arqueológica, Olímpia é entendida pelo autor como uma *pólis* que conseguiu expressar em todos os seus aspectos e espaços

sociais o ideal atlético. Defendemos que esta *presença* do ideal atlético em todas as esferas da vida social é uma característica da dinâmica *políade*; excedendo os limites de Olímpia.

Resultado de uma pesquisa na qual predomina a análise da cultura material, Judith Swaddling em *The Ancient Olympics Games*, discute as regras dos jogos, a possibilidade da participação feminina, além de analisar minuciosamente as modalidades esportivas, as premiações, o processo de imortalidade dos atletas vitoriosos enfatizando a relação entre política e esporte no mundo antigo grego. Ponto em comum entre os trabalhos de Sinn e de Swaddling é a pesquisa arqueológica do santuário de Olímpia.

Associando os jogos helênicos à esfera religiosa e apresentando uma riqueza de dados referentes à cultura material, temos a obra *Games and Sanctuaries in Ancient Greece* de P. Valavanis, que aborda os jogos em suas diversas espacialidades e temporalidades no mundo antigo grego.

Resultado das pesquisas arqueológicas desenvolvidas junto ao Museu Arqueológico Nacional de Atenas, temos o livro *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*, recém traduzido para o português e organizado por N. Yalouris. Nesta obra, as práticas esportivas são analisadas em espaços e temporalidades distintas. Ao enfatizar o estudo dos dados arqueológicos, a obra nos permite a articulação do diálogo entre a História e a Arqueologia.

Analisar as práticas esportivas entre os gregos antigos pressupõe o estabelecimento de uma interação com o espaço físico dos santuários, visto que os jogos se inseriam na esfera da religião cívica. As obras *Greek Sanctuaries* editada por N. Marinatos e Robin Hägg e *Athletes and Oracles* de C. Morgan propõem promover esta

interação. Além de fornecerem dados arqueológicos que serão de suma importância para efetivarmos um diálogo da História com a Arqueologia, estas obras inserem os espaços de práticas religiosas e atléticas no contexto da sociedade ritualizada e *agonística* que é *pólis*.

Na medida em que entende os santuários também como centros de comunicação e competição, Marinatos e Hägg nos fornecem argumentos para analisarmos os espaços para a prática esportiva como propiciadores da integração social dos cidadãos atenienses e dos helenos em geral.

A comunicação é a tônica da obra *Comuniquer em Grèce Ancienne* de Corine Coulet. Não se restringindo às práticas esportivas que, inclusive, ocupa uma parte reduzida da pesquisa, a autora pensa o espaço físico do ginásio como essencialmente de práticas sociais e de comunicação. Neste espaço novas idéias eram difundidas entre os atenienses, o caracterizando como um dos principais espaços de reunião.

Articulando a relação entre corpo social e espaço físico em várias sociedades e temporalidades, *Carne e Pedra* do sociólogo Richard Sennett explora, no capítulo referente à Atenas de Péricles, a interação entre práticas esportivas, corpo e democracia. A palestra e o ginásio são entendidos como espaços que vão bem além das práticas esportivas, pois possibilitam a interação social e o *desnudamento* dos atenienses. De acordo com o autor, o *desnudar-se* representa a exposição pública à qual todo cidadão está submetido na democracia. Nessa obra a conexão entre corpo como experiência socialmente construída e *pólis* é constante. Adotaremos na pesquisa uma postura semelhante a de Sennett quando relacionarmos espaços físicos às práticas sociais.

Operacionalizando documentos de naturezas diversas – literária, imagética e cultura material, Mark Golden estuda o esporte no mundo grego antigo a partir da

investigação de três tópicos, considerados pelo autor, como tradicionais: esporte e religião, esporte e guerra e cultura competitiva e a relação dos gregos com as sociedades vizinhas. As relações de diferenças/alteridades – vencedores x perdedores, cidadãos x estrangeiro, ricos x pobres – construídas pelo autor, em *Sport and Society in Ancient Greece*, a partir da dinâmica do esporte despertaram a necessidade de entendermos esta conexão como bem mais ampla do que normalmente a concebíamos. O esporte no mundo antigo excede os limites do físico e expressa a diversidade da vida em *koinonía*, em *pólis*.

De todas as obras apresentadas até aqui, a que demonstra uma maior preocupação em delimitar mais precisamente o seu objeto de estudo é a de Michael B. Poliakoff. O autor busca analisar a relação entre competição, violência e cultura nas sociedades antigas, priorizando o caso grego. Há por parte de Poliakoff a escolha de três modalidades esportivas que melhor permitem a articulação entre competição e uso da violência, a saber: boxe, pancrácio e luta.

É necessário mencionarmos que, no caso específico da historiografia brasileira sobre as sociedades antigas, notamos que são poucos os trabalhos publicados acerca da temática esporte⁵. E com certa frequência, estas pesquisas resultam em um interesse imediato, estimulado diretamente pela realização dos jogos olímpicos do mundo contemporânea.

Existe, porém, uma articulação interessante que podemos fazer entre esporte e *pólis* que é a da sua inserção no campo das relações de gênero e da dominação masculina que não se constituíram em objeto de estudos dos especialistas que, até então, pesquisaram o atletismo na sociedade grega antiga. Partiremos do princípio de que há um consenso de que com os estudos de gênero os homens se tornaram objeto de

⁵. Ver: BARROS, 1996; GODOY, 1996; SARIAN, 1988; HIRATA, 1988; FLEMING, 1988.

interesses das pesquisas que prioritariamente visam ao questionamento e à desconstrução da noção de masculinidade para podermos pensar o esporte no *jogo* da dominação ideológica *políade*.

A pesquisa que desenvolvemos foi pensada a partir do contato que tivemos com as discussões propiciadas pela História de Gênero e pela Antropologia do corpo. Ambos os conceitos são atualmente *lidos* como resultando de uma construção sócio-cultural, logo distanciados de um determinismo biológico. As questões sobre gênero nos levaram a perceber que as relações masculinas se constituíam em um campo pouco explorado pelas pesquisas que em sua maioria acabam por reduzir gênero somente ao feminino (WELZER-LANG, 2004, pp. 108-109). Nossa proposta se distancia desta forma de abordagem, pois propõe entender que as relações de poder construídas na *pólis* dos atenienses se expressam na interação entre os gêneros e no corpo, onde se encontra *impressa* a estrutura social.

A existência no Brasil de pouquíssimos trabalhos sobre os esportes na Grécia antiga nos incentivou a discutir o vínculo entre a dominação masculina / masculinidade e o corpo a partir das práticas esportivas. Defendemos que o esporte foi um espaço, da mesma forma que o teatro, a *agorá*, etc..., *usado* para colocar em discussão a própria *pólis*. Essa articulação entre gênero, corpo e esporte permitirá que visualizemos as formas pelas quais a sociedade *políade* inseriu os próprios homens na noção de dominação masculina. Priorizaremos as interpretações acerca dos grupos de homens pautadas em perspectivas interdisciplinares - entre a História, a Antropologia, a Arqueologia e a Semiótica - e numa articulação eficaz entre documentação textual e cultura material.

Como conclusão, ressaltamos que comungamos com a afirmação de que com suas disputas atléticas públicas e institucionalizadas, os gregos se mostraram distintivamente *agonísticos*. Entretanto, negar a existência de esportes em culturas antigas é puramente eurocentrismo (KYLE, 2007, p. 20).

Bibliografia

- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.
- BARROS, G. *As Olimpíadas na Grécia Antiga*. São Paulo: Pioneira, 1996.
- CAMBIANO, G. “Tornar-se Homem”. In: VERNANT, J.P. (dir.). *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.
- COULET, C. *Communiquer en Grèce Ancienne*. Paris: Les Belles Lettres, 1996.
- CROWTHER, N.B. *Sport in Ancient Times*. Westport: PRAEGER, 2007.
- ELIAS, N; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FINLEY, M.I. & PLEKET, H.W. *The Olympic Games: the first thousand years*. London: Chatto & Windus, 1976.
- FLEMING, M.I. A. “Prêmios e oferendas votivas de bronze nas competições esportivas”. In: *Clássica*. São Paulo: SBEC, 1988.
- GARDINER, E.N. *Athletics in the Ancient World*. New York: Dover Publications, 2002.
- GARRIGOU, A. & LACROUX, B. *Norbert Elias: A Política e a História*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- GENOVEZ, P. F. “O Desafio de Clio: O esporte como objeto de Estudo da História”. In: *Lecturas: Educacion Física y Deportes*. Buenos Aires, ano 2, n. 9, 1998, pp. 1-17.
- GODOY, L. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

GOLDEN, M. *Sport and Society in Ancient Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HARRIS, H. A. *Sport in Greece and Rome*. London: Thames and Hudson, 1984.

HIRATA, E.F.V. “Os odes de Píndaros e as tiranias siciliotas”. In: *Clássica*. São Paulo: SBEC, 1988.

KYLE, D.G. *Sport and Spectacle in the Ancient World*. Malden / Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

KOSELLECK, R. “Uma história dos conceitos”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, 1992, pp. 134-146.

LESSA, F.S. “Práticas esportivas entre os atenienses”. In: *Anais Eletrônicos do XII Simpósio Nacional de História*. João Pessoa: ANPUH/UFPB, 2003.

_____. “Corpo e Cidadania em Atenas Clássica”. In: THEML, N., BUSTAMANTE, R.M.C. & LESSA, F.S. *Olhares do Corpo*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2003.

_____. “O esporte como memória e festa na Hélade”. In: LESSA, F.S.; BUSTAMANTE, R.M.C. (org.). *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp. 327-334.

_____. “Atividades Esportivas nas Imagens Aticas”. In: *Phoênix*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, pp. 57-70.

MARINATOS, N. & HÄGG, R. *Greek Sanctuaries*. London and New York: Routledge, 1993.

MARROU, H-I. *História da Educação na Antigüidade*. São Paulo: EPU, 1990.

MILLER, S. G. *Arete: Greek sports from ancient sources*. Berkeley – Los Angeles: University of California Press, 1991.

MORGAN, C. *Athletes and oracles: the transformation of Olympia and Delphi in the eighth century BC*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MURAD, M. “Jogos Olímpicos e Política”. In: MELO, V.A. e PERES, F. *O Esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.

NEWBY, Z. *Athletics in the ancient world*. London: Bristol Classical Press, 2006.

PERROTTET, T. *The Naked Olympics: the true story of the ancient games*. New York: Random House, 2004.

POLIAKOFF, M. B. *Combat sports in the ancient world: competition, violence and culture*. New Haven and London: Yale University Press, 1987.

RIAL, C.S.M. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, J.M. & GROSSI, M.P. (org). *Masulino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

SARIAN, H. “Culto heróico, cerimônias fúnebres e a origem dos jogos olímpicos”. In: *Clássica*. São Paulo: SBEC, 1988.

SENNETT, R. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997.

SINN, U. *Olympia: Cult, sport and ancient festival*. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2000.

SPIVEY, N. *The Ancient Olympics*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SWADDLING, J. *The Ancient Olympic Games*. Austin: University of Texas press, 2002.

SWEET, W.E. *Sport and Recreation in Ancient Greece. A sourcebook with Translations*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1987.

VALAVANIS, P. *Games and Sanctuaries in Ancient Greece*. Athens: kapon Editions, 2004.

VANOYEKE, V. *La Naissance des Jeux Olympiques e le Sport dans l'Antiquité*. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, M.R. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004, pp. 107-128.

YALOURIS, N. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2004.

YOUNG, D.C. *A Brief History of the Olympic Games*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.